

## Documentação museológica em coleções de Geociências: o caso do Museu Geológico da Bahia

*Museological documentation in Geoscience collections: the case of the Geological Museum of Bahia*

**Elizandra Pinheiro dos Reis**

Especialista em Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal da Bahia; Pesquisadora do Museu Geológico da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7180-5426>

E-mail: [elizandra.pinheiro@ufba.br](mailto:elizandra.pinheiro@ufba.br)

**Fernanda Assunção Camelier Mascarenhas**

Graduanda em Museologia pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7034-3824>

E-mail: [fernanda.assuncao@ufba.br](mailto:fernanda.assuncao@ufba.br)

**Luciana Messeder Ballardó**

Doutora em Museologia e Patrimônio pela UNIRIO; Docente do Departamento de Museologia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2005-524X>

E-mail: [lmb@ufba.br](mailto:lmb@ufba.br)

### Resumo

Este texto analisa os processos de documentação museológica em coleções de Geociências e como são desenvolvidos os procedimentos técnicos com essa tipologia de acervo. O questionamento sobre quais instrumentos de documentação museológica são utilizados na gestão de coleções de Geociências museológicas especializadas no Brasil deu origem às inquietações da investigação. O objetivo da pesquisa é realizar o levantamento do uso da documentação museológica em instituições que abrigam acervos geocientíficos. A hipótese inicial é que as pesquisas relacionadas à documentação nesses espaços museológicos são muito incipientes, seja por carência técnica, seja por falta de interesse. A pesquisa configura-se como qualitativa de natureza aplicada; com relação aos procedimentos, é um estudo de caso; é exploratória quanto aos objetivos e o método é qualitativo. Os resultados mostram uma relação interdisciplinar no campo técnico do desenvolvimento da documentação museológica de acervos geológicos entre profissionais das áreas de Museologia e Geociências, mas a divulgação de trabalhos que evidenciam essa relação interdisciplinar é restrita. A contribuição deste trabalho é apresentar uma pesquisa em acervos geocientíficos especificamente sobre o tratamento das coleções da perspectiva da documentação museológica, que demonstra ser um campo de pesquisa ainda pouco explorado.

**Palavras-chave:** documentação museológica; coleções geocientíficas; museus.

### Abstract

This text analyzes the museological documentation processes in Geoscience collections and how technical procedures are developed within this type of collection. Reflecting on which museological documentation instruments are used to manage specialized museological Geoscience collections in Brazil informed the research's concerns. Thus, this applied qualitative case study investigates the use of museological documentation in institutions that house Geoscience collections, starting from the hypothesis that documentation-related research in these museological spaces is incipient either due to technical deficiency or lack of interest. Results show an interdisciplinary relationship between Museology and Geosciences professionals in the development of museological documentation for this type of collection, but dissemination of works that highlight this interdisciplinarity is restricted. Treatment of Geosciences collections from the perspective of museological documentation constitutes a research field still little explored.

**Keywords:** museological documentation; geoscientific collections; museums.

## 1. Introdução

Os primeiros passos desta pesquisa foram as vivências de uma das autoras, que, compreendendo a importância da primeira instituição de salvaguarda de coleções em Geociências<sup>1</sup> no estado da Bahia, passou a estudar sobre o processo de formação dessas coleções e sobre como está estruturado o uso de instrumentos de documentação museológica no Museu Geológico da Bahia (MGB).

Durante o processo de levantamento bibliográfico, notou-se a escassez de trabalhos na área<sup>2</sup> de Documentação Museológica de coleções de Geociências<sup>3</sup>, o que evidenciou a necessidade de empreender esse gênero de pesquisa para o desenvolvimento de sistemas documentais que atendam as especificidades desses acervos.

A importância deste estudo também consiste no conhecimento de acervos de Geociências a partir das instituições museológicas que atendem a essas temáticas em nosso país, visando ao crescimento de estudos na interface entre essas áreas de conhecimento, que, apesar de distantes (pois uma está ligada às ciências humanas e outra, às ciências naturais), estão presentes nos espaços de preservação do patrimônio, como os museus de coleções de Geociências.

A pesquisa está motivada pela seguinte questão: como são utilizadas as ferramentas de documentação museológica em coleções de Geociências? Buscando respostas para essa pergunta investigativa, o trabalho foi direcionado para um aprofundamento dentro das coleções do MGB no estado da Bahia.

- 
- 1 As Geociências abrangem uma ampla área de conhecimento básico, envolvendo o estudo dos fenômenos que atuam na porção sólida da Terra (Litosfera), no seu envoltório líquido (Hidrosfera) e no ambiente gasoso que a cerca (Atmosfera). Em decorrência da interação entre os componentes biológicos no ambiente físico terrestre e da enorme influência desempenhada por eles, os seres vivos não podem ser excluídos desse campo de atuação. Não escapa também do interesse das Geociências o conhecimento do Sistema Solar, pois a energia essencial para movimentar todos os processos físicos, químicos e biológicos que envolvem a Terra tem origem no Sol, de acordo com Suslick (1992).
  - 2 Os trabalhos encontrados na área de acervos geológicos não são direcionados especificamente para documentação museológica. Pesquisas relevantes sobre coleções de Geociências são encontradas em Bastos (2016), Imai (2016), Oliveira (2017), Marta (2018), Reis *et al.* (2019), Sborja (2020), Bastos; Rangel; Almeida (2017), e Lima e Sborja (2022), em âmbito nacional, e no contexto internacional, Gómez-Alba (1997), Gargano (2004), Fothergill (2005), Díaz-Acha e Díaz-Ontiveros (2016).
  - 3 Nem tudo que serve para documentação museológica de forma geral se aplica às especificidades do tipo de acervo que está sendo tratado.

A hipótese estabelecida é que a documentação dentro do museu foi realizada pelos especialistas em Geociências, em detrimento de conhecimentos de Documentação Museológica, o que pode explicar a ausência de trabalhos publicados na área sobre acervos geocientíficos.

A finalidade da pesquisa é compreender como são aplicados os instrumentos de documentação museológica em coleções de Geociências. Para alcançar esse propósito, foi necessário utilizar como fundamentação teórico-metodológica os referenciais relacionados à área de Documentação Museológica<sup>4</sup> e a coleções geológicas.

Os objetivos específicos realizados foram: enumerar as instituições com acervos de Geociências; realizar o levantamento da produção científica direcionada para a documentação museológica dessas coleções; analisar o sistema de documentação museológica do Museu Geológico da Bahia; e identificar os instrumentos de registro presentes no sistema documental do Museu Geológico da Bahia.

O estudo configura-se como qualitativo de natureza aplicada, visto que busca conhecimento que seja aplicado de forma prática sobre a utilização de instrumentos de documentação de acervos geocientíficos. Com relação aos procedimentos, é um estudo de caso, em virtude de se deter na análise de instrumentos documentais do Museu Geológico do Estado da Bahia, mesmo apresentando um panorama geral de outros espaços museológicos com acervos semelhantes.

A pesquisa é exploratória quanto aos objetivos, em razão de trazer um novo enfoque da documentação museológica preocupada com as ferramentas documentais que são utilizadas especificamente em acervos geocientíficos. O método é qualitativo, uma vez que os dados coletados nos instrumentos documentais foram analisados de forma indutiva. O ponto alto do trabalho está relacionado ao enfoque descritivo dos resultados, e a ênfase das atividades desenvolvidas está no processo de pesquisa das ferramentas encontradas e suas especificidades.

Este estudo realizou, inicialmente, o levantamento de instituições museológicas que têm acervos que abarcam as Geociências e foram selecionadas aquelas cujo acervo tinha perfil

---

4 O referencial teórico está embasado em trabalhos como os de Nascimento (1994), Ferrez (1994), Cidoc (2014) e Padilha (2014).

semelhante ao do Museu Geológico da Bahia, que abrange as áreas de Mineralogia, Petrografia e Paleontologia. O primeiro subtópico trata dessa atividade preliminar realizada na pesquisa.

## 2. Panorama da Documentação Museológica em acervos de Geociências

A história das instituições museológicas especializadas em acervos geocientíficos<sup>5</sup> remonta ao ano de 1907, com a criação da instituição museológica que atualmente é conhecida como Museu Ciências da Terra no Rio de Janeiro, e chega aos nossos dias com a criação, em 2019, do Geomuseu, localizado em Gramado. Na Figura 1, é possível visualizar a distribuição geográfica desses museus em território nacional.

Figura 1 – Mapa de distribuição geográfica dos museus de Geociências no Brasil.



Fonte: Desenhado pela autora 3 em abr. 2022.

5 É importante ressaltar que não estão contemplados os acervos especializados em apenas uma das áreas das Geociências, como é o caso dos museus exclusivos de Paleontologia, tampouco aqueles com acervo muito abrangente, como por exemplo o Museu Nacional e o Museu Paraense Emílio Goeldi.

Após o levantamento dos museus de Geociências existentes no Brasil, a análise realizada sobre a forma como essas instituições foram originadas resultou em três agrupamentos:

- Grupo 1: Museus criados a partir de outros museus ou que incorporaram acervos de outros museus;
- Grupo 2: Museus criados a partir de alguma coleção;
- Grupo 3: Museus cujos acervos são frutos de pesquisas realizadas pelas instituições a que estão vinculados.

O primeiro grupo é formado tanto por instituições ligadas a órgãos públicos quanto por instituições privadas. São elas: o Museu de Geociências do Instituto de Geociências (IGC) da Universidade de São Paulo (USP)<sup>6</sup>, cuja coleção principal do acervo mineral teve o Museu de Mineralogia como núcleo principal<sup>7</sup>; o Museu das Minas e do Metal, que surgiu em 2010 e recebeu a guarda do acervo do Museu de Mineralogia Professor Djalma Guimarães<sup>8</sup>; o Geomuseu<sup>9</sup>, oriundo do Museu Gramado de Minerais e Pedras Preciosas, criado em 2008 e rebatizado em abril de 2019; e, finalmente, o Museu de Minerais e Rochas, vinculado à Universidade Federal de Pernambuco<sup>10</sup> (UFPE) e oriundo do Museu de Mineralogia, criado na década de 1960.

O segundo grupo é formado por museus que se iniciaram a partir de uma coleção doada por pessoa física ou jurídica; doações de pessoas ligadas à instituição, como professores ou pesquisadores; ou uma coleção pertencente ao colecionador. A formação dessas coleções não visava à fundação de uma instituição museológica nem à composição de um acervo. Dos museus que selecionamos, apenas um se enquadra nessa categoria: o Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)<sup>11</sup>, criado em 1995,

---

6 Criado em 1934, localizado no bairro do Butantã, originalmente conhecido como Museu de Mineralogia do Departamento de Mineralogia e Petrologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL).

7 MUSEU de Geociências da USP. Online. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://museu.igc.usp.br/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

8 MUSEU das Minas e do Metal – Online. Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <https://mmgerdau.org.br/o-museu>. Acesso em: 20 fev. 2023.

9 GEOMUSEU – Online. Gramado, 2023. Disponível em: <https://geomuseu.com.br/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

10 MUSEU de Minerais e Rochas – Online. Recife, 2023. Disponível em: <https://www.ufpe.br/mmr/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

11 MUSEU de Ciências e Técnica da Escola de Minas – Online. Ouro Preto, 2023. Disponível em: <https://mct.ufop.br/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

com a função de ensino da Mineralogia e Geologia no país. Seu primeiro diretor foi Claude-Henri Gorceix<sup>12</sup>, responsável por trazer a coleção de minerais, amostras de meteoritos, cristais e outras amostras do Laboratório de Mineralogia e Geologia do Rio de Janeiro.

No terceiro grupo, estão os seguintes museus: o Museu de Ciências da Terra, o mais antigo, como já dito anteriormente, cujas coleções resultam do trabalho realizado por várias gerações de profissionais que passaram pelo antigo Serviço Geológico, pelo Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM, atual Agência Nacional de Mineração), pelo projeto Radambrasil e mais tarde pela Companhia de pesquisa de Recursos Minerais (CPRM)<sup>13</sup>; o Museu de Geociências (MGEO) da Universidade de Brasília (UnB)<sup>14</sup>, que surgiu na década de 1960, cujo acervo procede de diversos locais do Brasil mediante os trabalhos de campo realizados pelos alunos do curso de Geologia, além de doações de empresas mineradoras, garimpeiros, colecionadores e ex-alunos; o Museu Geológico de São Paulo<sup>15</sup> (Mugeo), também da década de 1960, que tem parte do seu acervo oriunda da Comissão Geográfica e Geológica (CGG) de São Paulo, que foi responsável pela pesquisa e por coletas de dados de 1886 a 1931<sup>16</sup>; e o Museu Geológico da Bahia que, desde sua criação até o fim dos anos 1980, teve grande parte do seu acervo mineral coletado por meio do Projeto de Cadastramento de Ocorrências Minerais do Estado da Bahia<sup>17</sup>.

A pesquisa relacionada a essas instituições se aprofundou, direcionando-se para a perspectiva de verificar a existência de instrumentos de registro. Algumas instituições disponibilizam no seu *website* informações relacionadas à documentação de cada peça do acervo. No Museu de Geociências do IGC- USP, estão disponíveis as seguintes informações: número da amostra, localização, procedência, descrição, doadores, data da incorporação ao acervo e bibliografia relacionada com a peça. O Museu das Minas e do Metal (MM Gerda) oferece, no seu site, as seguintes informações: número de cadastro, nome do mineral, descrição da amostra, classe e subclasse química, fórmula química, localidade, dimensões, fotografia,

---

12 Claude-Henri Gorceix foi um mineralogista francês que, em 1876, fundou a Escola de Minas em Ouro Preto e foi seu primeiro diretor.

13 MUSEU de Ciências da Terra. Recife, 2023. Disponível em: <http://mcter.cprm.gov.br/sobre.html>. Acesso em: 20 fev. 2023.

14 MUSEU de Geociências da UNB – MGEO. Online. Brasília, 2023. Disponível em: <https://mw.eco.br/ig/exte/museu/index.htm>. Acesso em: 20 fev. 2023.

15 MUSEU Geológico de São Paulo – MUGEO. Online. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/museugeologico>. Acesso em: 20 fev. 2023.

16 Para mais informações <https://www.infraestruturameioambiente.sp.gov.br/museugeologico>.

17 No próximo subtópico esta instituição será abordada de forma mais aprofundada, uma vez que nesta pesquisa, o Museu Geológico da Bahia será utilizado como estudo de caso.



usos e curiosidades. O Museu Ciências da Terra oferece as seguintes informações: número, localidade, estado, país, histórico, grupo, classe, sinônimos e observações. No site do Museu Joias da Natureza, há apenas o nome da peça com uma breve descrição e a localização. No Geomuseu, apenas a localização é descrita.

Os museus que não tinham informações no site foram contactados por *e-mail*. O Mugeo informou que tem um livro de tombo, em que é feito um inventário do acervo e que as informações são cadastradas numa planilha de Excel<sup>18</sup>, que conta com diversos campos que permitem registrar as informações pertinentes à identificação de cada peça do acervo. O Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas (UFOP) informou que o cadastramento do acervo é feito por meio de fichas catalográficas e que os itens cadastrados são incluídos no banco de dados do museu. Existe um projeto sendo elaborado para a digitalização do acervo. O Museu Geológico da CPRM utilizava, inicialmente, livros de tombo e fichas catalográficas para o registro do acervo. Esses dados já foram digitalizados e fazem parte do banco de dados do museu. A plataforma digital que utiliza foi desenvolvida pelo próprio Serviço Geológico do Brasil (SGB), mas funciona como um sistema de cadastro. O museu está à procura de um sistema de gestão que cruze as informações dos acervos de Paleontologia, Geologia, documentação e instrumentos.

Os demais não forneceram informações até o final da pesquisa: Museu de Minerais e Rochas da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Museu de Geociências da UnB e Museu de Minerais e Rochas da UFPE. No Quadro 1, é possível visualizar uma comparação que auxilia a análise dos dados ligados aos instrumentos de registro e metadados usados nas instituições pesquisadas.

---

18 Desde a década de 1990, os museus especializados em Geologia, conforme dados coletados durante a pesquisa, têm usado o programa Excel para realizar a informatização de seus acervos. Embora não seja uma solução ideal, foi adaptado como banco de dados, uma vez que inclui armazenamento de dados e metadados em seu sistema.

Quadro 1 – Identificação dos metadados registrados nas instituições pesquisadas.

Nome da instituição	Metadados presentes nos instrumentos de registro	Instrumentos documentais
Museu Geológico da Bahia	Nome, categoria, variedade, composição, dimensões, peso, local, ocorrência, modo de aquisição, localização no museu, conservação, número da foto, generalidades, observações e bibliografia.	Arrolamento (em planilha de Excel), ficha de catalogação, livro de tombo (em desuso) e base de dados no Access.
Museu das Minas e do Metal (MM Gerdau)	Número de cadastro, nome do mineral, descrição da amostra, classe e subclasse química, fórmula química, localidade, dimensões, fotografia, usos e curiosidades.	Não informado.
Museu Ciências da Terra	Número, localidade, estado, país, histórico, grupo, classe, sinônimos e observações.	Não informado.
Museu Joias da Natureza	Nome da peça, descrição e localização.	Não informado.
Museu de Geociências do Instituto de Geociências da USP	Número da amostra, localização, procedência, descrição, doadores, data da incorporação no acervo e bibliografia relacionada com a peça.	Não informado.
Geomuseu	Localização.	Não informado.
Mugeo	Não informado.	Livro de tombo, migrando para planilha de Excel.
Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas (UFOP)	Não informado.	Fichas catalográficas, planilha de Excel.
Museu Geológico da CPRM	Não informado.	Base de dados.

Fonte: Elaborada pela autora 2 em jul. 2022.

Percebe-se que, em todos os museus, as peças têm um número de cadastro, é feita uma descrição e há registro da origem ou localização. Os três museus com metadados mais completos são o MGB, o MM Gerdau e o Museu de Geociências da USP.

No próximo tópico, o foco está direcionado ao Museu Geológico da Bahia, mais especificamente à formação e ao emprego de instrumentos de documentação museológica do seu acervo. Antes de adentrar diretamente esses temas, há uma pequena apresentação da instituição e de sua história, para que o(a) leitor(a) se familiarize com a entidade investigada nesta pesquisa.



### 3. Museu Geológico da Bahia e a formação de suas coleções

A criação do Museu Geológico da Bahia<sup>19</sup> está fortemente ligada à formação de uma coleção de minerais pelo Projeto de Cadastramento de Ocorrências Minerais do Estado da Bahia<sup>20</sup>. É importante frisar que o intuito inicial era que a inauguração ocorresse em 1974, na então nova sede da Secretaria de Minas e Energia do Estado (Bahia, 1973), mas aconteceu apenas em 04 de março de 1975.

Em 1978, o Museu Geológico da Bahia foi transferido para outros espaços na cidade – primeiro, durante aproximadamente seis meses, o acervo do museu ficou acomodado em um imóvel na Rua Manoel Dias da Silva, no bairro da Pituba, enquanto a exposição continuava na Secretaria de Minas e Energia, no Centro Administrativo da Bahia; aproximadamente seis meses depois, entre o fim de 1978 e o início de 1979, foi transferido para uma casa na Rua Mato Grosso, no mesmo bairro. A partir de 1980, as funções de comunicação museológica passaram a ser realizadas novamente, retomando as atividades abertas ao público (Bahia, 1981).

Após esse período de dois anos em sedes provisórias no bairro da Pituba (1979–1981), a aquisição de um espaço definitivo no Corredor da Vitória (com elevador e estacionamento), no ano de 1981 (Bahia, 1981), possibilitou a reinauguração do museu em 15 de setembro de 1982<sup>21</sup> no espaço em que continua instalado nos dias atuais.

Quanto à formação do acervo do museu, em seu período inicial, como já destacado anteriormente, o maior contingente de peças ingressou por meio de coleta do Projeto de Cadastramento de Ocorrências Minerais do Estado, mas elas também ingressaram, em menor quantidade, pela compra e doação de propriedades individuais ou empresariais (Bahia, 1987). Em 1976, o enfoque no crescimento do acervo fortaleceu o programa de aquisição e compra, resultando no aumento de peças para um total de aproximadamente 3.500. Nesse mesmo ano e no subsequente, foi iniciado o estudo das amostras, fundamentado em análise técnico-científica no âmbito das Geociências, para criar e organizar fichários-dossiê (Bahia, 1977).

---

19 O levantamento de dados da história da instituição foi efetuado a partir de pesquisa nos relatórios de atividades da antiga Secretaria de Minas e Energia do Estado da Bahia, bem como de entrevistas, transcritas e em áudio, com antigos funcionários.

20 As campanhas de campo localizaram sítios nos municípios de Bom Jesus da Lapa, Jucá, Central, Potiraguá, entre outros do Estado da Bahia (Secretaria de Minas e Energia da Bahia, 1986).

21 A data de reinauguração foi coletada de um convite para o evento depositado no arquivo da instituição.

Nos anos 1980, o acervo passou a abarcar outras tipologias, como rochas e fósseis, o acervo histórico sobre Geologia e Mineração, e a coleção didática, para troca com instituições congêneres, doação e pesquisa elementar de estudantes (Bahia, 1985; 1986).

Outro fator agregador para o crescimento do acervo do museu entre os anos de 1984 e 1986 foi a implantação de programas de pesquisa, tais como: o Programa Paleontológico para prospecção e salvaguarda dos sítios fossilíferos (Bahia, 1984), que proporcionou a coleta de 714 fósseis do Cretáceo e do Pleistoceno, a elaboração da sùmula do mapa paleontológico do estado baiano, 325 ossos do período do Pleistoceno além da criação de fichários descritivos sobre cada material ósseo coletado; o Programa Espeleológico, que possibilitou o cadastramento de 30 grutas e cavernas na Bahia; e o Programa Memória Histórica da Mineração (Secretaria de Minas e Energia da Bahia, 1985).

Em finais dos anos 1980, foi incluído um registro fotográfico no dossiê individual de cada amostra, além da ampliação do acervo perfazendo um total de 13.542 (Secretaria de Minas e Energia da Bahia, 1987). Posteriores incorporações ao acervo foram realizadas por meio da inclusão de objetos que deram origem e formam as coleções de artesanato mineral e objetos ligados à mineração. Além disso, na década de 1990, foi efetuada a aquisição do acervo Otto Billian<sup>22</sup>, com mais de 4 mil amostras de minerais, rochas, objetos pessoais, bibliográficos e instrumentos ópticos.

O próximo tópico aborda a trajetória da documentação, os instrumentos de documentação em uso e o panorama atual do acervo de geociências do museu, sendo essa a base necessária para a realização das ações e atividades museológicas. Ressalta-se que o papel desenvolvido pelo MGB na sociedade decorre, em grande parte, da tipologia do seu acervo. Assim, podemos descrever as ferramentas utilizadas na documentação museológica como um ponto de referência capaz de interligar as informações sobre o acervo e as demais áreas de atuação do museu.

---

22 Explorador de minério, nascido na Suíça, passou a viver na Bahia a partir da década de 1930. Dedicou-se principalmente na produção baiana de Quartzo. Os instrumentos, amostras lapidadas e parte de sua história estão em exposição no Museu Geológico da Bahia

#### 4. A trajetória da Documentação Museológica no MGB

Conforme abordado anteriormente, a criação desses espaços esteve, de uma forma ou de outra, associada aos objetos/coleções que durante muito tempo foram o diferencial dessas instituições. Com o MGB não foi diferente: nasceu a partir de uma coleção de rochas e minerais, fruto de pesquisas de cadastramento dos recursos minerais realizadas na década de 1970 pela Secretaria de Minas e Energia do Estado da Bahia.

Durante a pesquisa desenvolvida por meio das leituras das primeiras fichas de registro, relatórios mensais e anuais, observa-se que o primeiro documento gerado do acervo do MGB foram as fichas de inventário que datam de 06 de outubro de 1974<sup>23</sup>. Isso evidencia que o processo de documentação do MGB teve início antes da abertura do museu.

Outros pontos relevantes da documentação são a presença do profissional museólogo e a parceria com outras instituições museológicas. Segundo o geólogo e coordenador atual do museu, Heli Sampaio:

O Projeto contou ainda com a assessoria da museóloga Mercedes Rosa e do Prof. de Antropologia e ex-diretor do MAM, Renato Ferraz, que foram convidados a estruturar o Museu, fazer o registro e catalogação das peças do seu acervo e realizar a montagem da primeira exposição (Museu Geológico da Bahia, 2019).

Observa-se que, desde a criação do MGB, o foco principal era a constituição de um acervo, sendo a coleção de rochas e minerais sua primeira, cuja documentação foi coordenada por profissionais da Museologia, como dito anteriormente. Então, a ficha de registro foi adotada como primeiro instrumento documental, produzida a partir das fichas de campo e dos relatórios de viagens de campo produzidos pelos geólogos.

A primeira ficha evidencia a prática de alguns procedimentos essenciais na documentação museológica, como a definição e o uso de um sistema de numeração, que permite o controle e a segurança dos objetos, além da obtenção do quantitativo das coleções. O MGB incorporou o sistema numérico corrido.

---

23 Esses dados foram analisados a partir das fichas de registro do acervo de nº 0001 a 1.018.

Outro procedimento adotado pela equipe, na época, foi a marcação<sup>24</sup> da numeração no objeto. Esse número funciona como ligação entre o objeto e suas informações, para assim gerar a pesquisa e a comunicação, e como controle da localização na base de dados.

A primeira ficha de registro (Figura 2) utilizada pela equipe para documentar o acervo tinha as seguintes nomenclaturas para preenchimento: 0 – N° de Inventário; 1 – N° Dana<sup>25</sup>; 2 – Esp.<sup>26</sup>; 3 – Nome<sup>27</sup>; 4 – Variedade<sup>28</sup>; 5 – Composição; 6 – Dimensões; 7 – Local; 8 – Ocorrência; 9 – Modo de Aquisição; 10 – Localização no Museu; 11 – Categoria; 12 – Peso; 13 – Data; 14 – Foto N°; 15 – Conservação; 16 – Ficha de Campo N°. No verso da ficha, constavam 17 – Generalidades; 18 – Observações; 19 – Bibliografia.

---

24 No museu, utiliza-se uma base de esmalte branco antes da marcação, em seguida escreve-se o número com a caneta nanquim. Em se tratando de amostras pequenas ou de grande valor, como gemas e metais nobres guardados em caixas especiais, coloca-se o número na parte inferior da caixa e a peça deve ser fotografada junto à sua numeração para que se faça o seu registro. A foto é numerada e guardada junto com a amostra. As amostras divididas em partes recebem marcações indicadas nas diversas partes, conservando o número do registro original acrescido de um número sequencial. Quanto aos objetos de desenhos, pergaminhos, fotografias, livros e quaisquer objetos de papel, são marcados sempre no reverso com lápis B ou 2B. Já as peças têxteis e peças montadas – colares, pulseiras, outros, para os quais deve ser confeccionada etiqueta – são marcadas com número em nanquim e presas por uma linha resistente na parte menos frágil da peça, seguindo o documento de *Acervo – Normas e Procedimentos* do MGB (2005).

25 Dana (1984) é uma publicação caracterizada pelo MGB como um *thesaurus* para catalogação da coleção de rochas e minerais, ou seja, padronização na classificação dos termos e nomes das rochas e minerais.

26 Espécie – Classificação de amostras pertencentes ao mesmo lote, ou seja, grupos de objetos com mais de duas amostras que foram adquiridas juntas.

27 Nome – Corresponde ao nome científico do objeto, ou seja, a denominação do mineral ou da rocha.

28 Variedade – Formas diferentes que os minerais apresentam e são classificados com nomes diferentes, porém pertencem ao mesmo grupo devido às propriedades físicas (Ex. Berilo – esmeralda emorganita. Quanto às rochas, a variedade corresponde a classificação da rocha (Ex. ígnea, metamórfica ou sedimentar).

Figura 2 – Primeira ficha de inventário do Museu Geológico da Bahia.

N.º DANA: ESP.:	MUSEU GEOLÓGICO DO ESTADO DA BAHIA	N.º DE INVENTÁRIO
NOME:	CATEGORIA:	
VARIEDADE:		
COMPOSIÇÃO:		
DIMENSÕES:	PESO:	
LOCAL:		
OCORRÊNCIA:	DATA:	
MODO DE AQUISIÇÃO:		
LOCALIZAÇÃO NO MUSEU	FOTO N.º	
CONSERVAÇÃO:	FICHA DE CAMPO N.º	

Fonte: Acervo do Museu Geológico da Bahia (1974).

Observa-se que o primeiro modelo de ficha de inventário para documentar o acervo embrião do MGB foi adotado apenas para a coleção de rochas e minerais, contemplando os objetos em numeração crescente (0001 a 1.018). Porém, quando o museu adotou um novo modelo, ficou evidente a utilização de uma forma mesclada (primeira e segunda fichas) até o registro do objeto de número 1.879. Da numeração seguinte até o número 2.287, a catalogação partiu de três modelos de fichas<sup>29</sup>.

Na década de 1980, quando surgiu um segundo modelo de ficha de registro (Figura 3), a equipe técnica do Museu Geológico da Bahia dedicou-se a suas coleções, o que foi evidenciado pelo surgimento de outras tipologias de acervo. Isso se baseia na análise de algumas fichas de registro, como do objeto de número de inventário 2.205, em que o metadado “histórico” registra: “Em 26/11/74, quando a amostra chegou ao museu, duas amostras receberam o mesmo número de inventário (nº 0472). Em 1986, quando ocorreu a reorganização do acervo e da documentação, uma continuou com o mesmo número e a outra recebeu o nº de inv. 2205”.<sup>30</sup>

29 O modelo da terceira ficha será apresentado mais adiante.

30 Ficha de registro 2.205, acervo MGB (1986).

Figura 3 – Segunda ficha de inventário do acervo do MGB, de 1986.

N.º DE DANA	SUPERINTENDÊNCIA DE GEOLOGIA E RECURSOS MINERAIS			N.º DE INV.
N.º DA COLEÇÃO	MUSEU GEOLÓGICO DA BAHIA			
FICHA DE INVENTÁRIO				
Coleção				DATA
Nome				FOTO N.º
Categoria	Variedade			/ / SLIDE N.º
Composição				
Dimensões	Alt.	Larg.	Peso	
Localidade				
Município	Estado			
Modo de Ocorrência				
Usos				
Forme de Aquisição	Coletada <input type="checkbox"/>	Doada <input type="checkbox"/>	Comprada <input type="checkbox"/>	
	Lepidada <input type="checkbox"/>	Polida <input type="checkbox"/>	Natural <input type="checkbox"/>	
Data de Inv.				
Generalidades				

  

HISTÓRICO	DESCRIÇÃO

Fonte: Acervo do Museu Geológico da Bahia (1974).

A análise demonstrou que, na reorganização do acervo, algumas amostras, que antes faziam parte de lotes, tornaram-se objetos já registrados com uma ficha própria. A partir desse momento, cada objeto passou a ser documentado individualmente com uma ficha de inventário.

Ao analisar e comparar a primeira ficha de registro da coleção com a segunda, observam-se algumas alterações, como a inclusão, na segunda ficha, de novos itens, como: : classificação em algarismos romanos identificando a tipologia da coleção; fotografia do objeto;



nº do *slide*; data da fotografia; usos do objeto; descrição; histórico; categoria e modo de ocorrência. Além disso, o espaço reservado para o metadado “foto” permitia, na primeira versão, apenas colocar a numeração da foto e não a fotografia, o que foi modificado no segundo modelo.

É relevante ressaltar, ainda, que as primeiras fichas de registro que compõem a documentação museológica do acervo têm informações sobre o objeto inseridas nos locais solicitados, mas alguns metadados não têm informações (número da fotografia, Dana, bibliografias e generalidade). Outro ponto observado na leitura foi que as primeiras fichas de registro da documentação do acervo do MGB têm como título (cabeçalho) “Museu Geológico do Estado da Bahia” (Figura 2), enquanto a segunda ficha (Figura 3) tem outro título: “Superintendência de Geologia e Recursos Minerais/Museu Geológico da Bahia/Ficha de Inventário”.

Outra diferença foi a exclusão de dois metadados: bibliografia e localização da peça no museu. Este último campo tinha espaço limitado e não permitia muitas anotações caso uma amostra fosse transferida de local na instituição.

A partir disso, um novo documento de registro foi elaborado e adotado na documentação do acervo para todas as coleções: a “ficha de localização”, que demonstrou potencial maior que a ficha de registro ao referir a localização do objeto no museu. Nesse documento, além dos treze metadados da ficha de registro, foram acrescentadas, no verso, informações mais descritivas sobre o local onde se localiza o objeto, tais como: exposição, reserva técnica, cofre, sala, vitrine, estante, armário, prateleira, e, por último, data de quando foi colocado no local. Ou seja, a ficha faz um registro do histórico dos caminhos que a peça percorreu no museu desde sua aquisição.

O registro era realizado concomitantemente na ficha de inventário e no livro de tomo específico para cada coleção, porém o último foi utilizado apenas até o ano de 1986, conforme o registro final. Sobre ele, o *Relatório de Atividades* de abril de 1999 a março de 2000 menciona que “o acervo é parte integrante do seu patrimônio e, conseqüentemente, do cidadão e suas gerações futuras. **No Livro de Tombo, documento oficial do Acervo, só foram encontrados registros de 1606 peças** (grifo nosso)” (Bahia, 2000).

Outro registro que ratifica a reorganização do acervo e o uso de ferramentas documentais no âmbito da Museologia do MGB e justifica a inclusão de novos metadados na ficha de inventário foi a entrevista realizada pela equipe técnica do Museu, em 2010, com uma

das ex-gestoras da instituição, a museóloga Heloísa Helena Fernandes Gonçalves da Costa<sup>31</sup>, que mencionou:

Tendo em vista que o primeiro livro elaborado não correspondeu às orientações do Conselho Internacional de Museus, apresentando falhas técnicas, tamanho exagerado e itens desnecessários, foi elaborado um novo livro, dentro dos padrões determinados pelo ICOM, para o qual solicitamos auxílio e nos foi prontamente enviada uma resposta e o xerox das normas que regem as publicações e livros próprios para museu (COSTA, 2011).

Conforme observado, a equipe técnica institucional preocupou-se em manter os instrumentos documentais atualizados de forma objetiva para atender tanto às necessidades do Museu Geológico da Bahia como às recomendações do Comitê Internacional de Documentação (CIDOC/ICOM). Isso mostra que a construção das fichas do MGB foi baseada em estudos preliminares feitos pelos profissionais da época.

Em continuidade à análise das fichas de inventário do acervo, ressalta-se que a segunda ficha de registro foi utilizada na documentação das novas coleções resultantes do processo de reorganização do acervo na década de 1980. Por um período, observa-se o uso da segunda ficha para todos os documentos do acervo, exceto fósseis. Quanto à coleção de rochas e minerais, os objetos registrados correspondem aos números de inventário de 1.627 até 2.287. Após essa numeração, surgiu uma terceira ficha (Figura 4), que está em uso, atualmente, apenas para essa coleção.

---

31 Primeira diretora do Museu Geológico da Bahia. Professora aposentada do Departamento de Museologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Universidade Federal da Bahia).

Figura 4 – Terceira ficha de inventário do acervo do MGB, de 1999.

N.º DE DANA: ESPECIE N.º:		<b>MUSEU GEOLÓGICO DO ESTADO DA BAHIA</b>				N.º INVENT: N.º DE CAMPO:				
NOME			VARIEDADE							
CATEGORIA			COMPOSIÇÃO							
DIMENSÕES			PESO							
LOCALIDADE										
MUNICÍPIO			ESTADO							
MODO DE OCORRÊNCIA										
USOS										
FORMA DE AQUISIÇÃO:			COLETADA	DOADA	COMPRADA					
FOTO N.º			SLIDE N.º							
CONSERVAÇÃO			LAPIDADA	POLIDA	NATURAL					
GENERALIDADES:										
PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS:										
<b>LOCALIZAÇÃO NO MUSEU GEOLÓGICO</b>										
EXPOSIÇÃO	DEPÓSITO	COFRE	OUTROS	SALA	VITRINE	ARMÁRIO GAVETA	ESTANTE PRATELEIRA	DATA		
								DIA	MES	ANO
OBSERVAÇÕES:										

Fonte: Acervo do Museu Geológico da Bahia (1974).

Comparando a segunda ficha de registro com a terceira, observam-se os seguintes metadados acrescidos: número de espécie e de campo; principais ocorrências; observações; e localização da peça no MGB com todos os detalhes (exposição, depósito, cofre, outros, sala, vitrine, armário/gaveta, estante/prateleira e data). Quando se adotou esse novo formato de documento, a ficha de localização foi desconsiderada. Uma informação interessante excluída da ficha atual foi a data de inventário do objeto.

Nesse breve histórico sobre a criação e trajetória da documentação do acervo do MGB, destaca-se outra fase de reorganização, com início na primeira década de 2000, em que a equipe desenvolveu, novamente, uma força-tarefa de inovação e adequações para a documentação do acervo. Essa nova etapa tem como referência a necessidade de implantar a informatização do acervo, o que foi desenvolvido ao longo dos seis primeiros anos de 2000, conforme o registro do relatório de 30 de dezembro de 2000 no item de levantamento do acervo:

[...] foi realizado Convênio entre a SICM e a CBPM visando viabilizar e organizar o acervo do Museu. Os trabalhos estão em fase final do levantamento documental e físico das peças, bem como lançado em uma base de dados informatizada. [...] A compatibilização da base e do “software” será realizada posteriormente. [...] Os trabalhos realizados constaram inicialmente do levantamento de dados das Fichas de Registros, do Livro de Tombo e demais documentos de registros de amostras, tendo sido lançados em computador. Posteriormente, iniciou-se o levantamento físico das peças a partir dos locais expostos ou de suas reservas técnicas (Museu Geológico da Bahia, 1999-2000).

Nessa mesma década, notam-se a continuidade e a prioridade de organizar e tornar acessíveis as informações inerentes ao acervo e, conseqüentemente, promover a comunicação com o público a partir das exposições temáticas, pesquisas e ações educativas e culturais desenvolvidas pelo MGB. Assim, o *Relatório Anual das Atividades do Museu Geológico da Bahia* de dezembro de 2005 menciona a extensão do trabalho realizado com o acervo, assim como a reorganização das coleções:

Dando prosseguimento aos trabalhos de catalogação, cadastramento e informatização do Banco de Dados do Acervo, deu-se continuidade ao levantamento e cadastramento [...] Posteriormente os diversos Bancos de Dados serão unificados para processamento, análise e pesquisas dentro de um programa específico [...] (Bahia, 2005).

Assim, o processo de documentação do acervo do MGB teve início na documentação dos objetos da coleção de rochas e minerais, utilizando a ficha de registro – atualmente com bases de dados. Ressalta-se que, ao longo de aproximadamente cinco décadas, a documentação da instituição passou por três importantes mudanças que contribuíram com a organização e preservação da informação, e passou a constituir-se não só de fichas de registro das peças em suas respectivas coleções, como também de uma planilha de arrolamento (Excel) e de termo de doação.

Na planilha de arrolamento consta o levantamento completo da coleção, com informações referentes a número de registro e de campo, identificação e classificação dos objetos, origem, medidas e peso, e localização no MGB. Ressalta-se que duas coleções estão

disponíveis na base de dados do Microsoft Office Access Database: Otton Billian e Oscar Cordeiro.

O contexto dos processos de reorganização na documentação do acervo do Museu Geológico da Bahia revela a constante necessidade de reorganizar e reformular tratamentos no sistema dos instrumentos da documentação museológica, visto que não existe uma fórmula pronta para todos os museus, como confirma Yassuda (2009, p. 110):

A documentação é um processo que vai sendo construído ao longo do tempo e das circunstâncias dentro do museu, adaptando-se ao seu contexto; ela nunca estará finalizada, pois sempre haverá possibilidades de mudanças. Aberta às inovações, a documentação pode ser moldada e reconstruída, e que assim seja, atendendo às múltiplas possibilidades de tratamento, disseminação e recuperação da informação.

Durante a pesquisa realizada sobre a construção da documentação do Museu Geológico da Bahia, foi possível observar que, desde o projeto de sua criação, a instituição atentou-se em preservar as fontes de registro do acervo, sempre em busca da implantação de um sistema documental que atendesse de forma congruente às demandas informacionais requeridas pela instituição e aos padrões internacionais. Isso fica evidente diante do empenho registrado no acervo de reformulações de seu sistema documental, como o uso do livro de tombo e da ficha de campo, assim como a criação, adequação e inovação de fichas padronizadas pertinentes a cada tipologia das coleções e capazes de abranger a totalidade de um acervo tão específico como o de Geociências.

## 5. Considerações finais

O museólogo, no exercício de sua profissão, tem como uma de suas atribuições a documentação de acervos, sendo assim fundamental a participação do profissional na realização dos procedimentos (tratamentos) para construção da documentação museológica de acervo geocientífico. Porém, essa tipologia de acervo requer a contribuição do geocientista, principalmente o geólogo, na realização de procedimentos como a pesquisa geológica, na identificação e descrição das amostras como rochas, minerais, entre outros. Portanto, para documentar objetos museológicos de coleções geocientíficas, faz-se necessário a participação de equipe multidisciplinar, sendo essencial a participação de profissionais da área – como geólogo, museólogo, biólogo, paleontólogo dentre outros – e de estudantes estagiários de

graduação dessas áreas de conhecimento, o que ficou evidente na construção documentação do acervo do MGB.

A documentação museológica corresponde a uma das gestões do museu e está estreitamente relacionada à gestão da informação de objetos musealizados, pois é responsável por realizar os procedimentos e organizar as informações que compõem as coleções desde a chegada do objeto à sua exposição ou acondicionamento. Portanto, conhecer apenas a tipologia do acervo não é o suficiente, pois as informações inseridas em cada documento de um objeto podem tornar-se permanentemente contínuas, e cada peça de um acervo pode ser, a qualquer momento, pesquisada, causando a inserção de novas descobertas.

Foi possível observar, também, a dinâmica na evolução e aperfeiçoamento das fichas de registro, sempre com modificações que aprimoram as informações dos objetos para melhor disseminação do conhecimento.

É essencial compreender os padrões documentais aplicados nesse tipo de acervo, e isso só é possível realizando um diagnóstico mais abrangente, que contemple as semelhanças e discrepâncias das instituições analisadas, permitindo uma visão mais ampla da documentação museológica especializada nesses acervos, justamente o que foi realizado neste trabalho.

Como são aplicados os instrumentos de documentação museológica em coleções de Geociências? São baseados essencialmente em atender os conhecimentos e pesquisas geológicas. Os metadados apresentados são origem<sup>32</sup>, descrição, composição química e denominação, geralmente dimensões. Por quê? Essas informações são utilizadas como base para a pesquisa das coleções e peças do acervo, e ajudam no processo de classificação.

A hipótese inicial não se confirmou, visto que, após coleta de dados nas instituições museológicas analisadas, principalmente no Museu Geológico da Bahia, notou-se que há uma relação interdisciplinar entre profissionais das áreas de Museologia e Geociências na organização das informações, que procura atender o uso de ferramentas documentais, como o livro de inventário, a ficha de registro e a base de dados, ao mesmo tempo que há um empenho em atender as especificações de dados que sejam importantes segundo a perspectiva geocientífica do acervo.

---

32 Espécie – Classificação de amostras pertencentes ao mesmo lote, ou seja, grupos de objetos com mais de duas amostras que foram adquiridas juntas.



No caso do Museu Geológico da Bahia, isso ocorre porque, desde a formação inicial da equipe da instituição, houve profissionais das duas áreas, o que causou uma aproximação entre elas durante o processo de musealização, incluindo a constituição de instrumentos documentais. No decorrer das décadas, o museu sempre contou com profissionais dos dois campos de atuação que colaboraram com as atividades desenvolvidas, seja com profissionais da própria instituição ou com associados.

Em contrapartida, constatou-se a confirmação da outra hipótese, relacionada à escassa bibliografia na área de Documentação Museológica direcionada à temática de acervos geocientíficos. Embora existam referências ligadas a áreas específicas dentro das geociências, como a paleontologia<sup>33</sup>, e algumas ligadas à conservação desses acervos<sup>34</sup>, não há um enfoque na área de pesquisa da Museologia especificamente ligado à documentação especializada para essas coleções, pelo menos não em âmbito nacional.

No contexto internacional, há uma quantidade pequena de trabalhos sobre essa temática específica, centradas em um levantamento das atividades desenvolvidas em museus geológicos no país (um no Uruguai e outro no Reino Unido), mas não especificamente em documentação; e outros dois direcionados para a automação (no *Museo Geológico del seminario de Barcelona*) e informatização (em museus do Uruguai).

O objetivo de realizar um levantamento do uso de ferramentas documentais na área de Museologia em instituições especializadas tendo o Museu Geológico da Bahia como estudo de caso aprofundado foi alcançado. Após a análise das fontes documentais geradas pelas instituições analisadas, principalmente o museu baiano, ficou claro que houve um esforço, no decorrer da história da documentação museológica institucional, para adaptar o sistema de registro a fim de atender as necessidades específicas do acervo.

A análise dos diferentes modelos de ficha de registro utilizados no decorrer dos anos, aplicados às coleções do MGB, demonstra a preocupação da equipe técnica especializada e interdisciplinar em incorporar novas coleções e distintas tipologias de objetos.

Entre as nove instituições pesquisadas, quatro criaram metadados que atendem às perspectivas dessas coleções de maneira mais particular, contemplando as duas áreas

---

33 Referências como Silva (2014), Lima *et al.* (2017) e Cruz (2019).

34 Como principal referencial para essa área, sugere-se a leitura de Azevedo (2013).

(Museologia e Geociências): Museu das Minas e do Metal (MM Gerdau), Museu Ciências da Terra, Museu de Geociências do IGC-USP, e o MGB. Quatro instituições usam algum tipo de base de dados, três delas no programa Excel. As semelhanças entre as instituições pesquisadas não se restringem à tipologia do acervo, existem pontos em comum nas suas origens e nos interesses de pesquisa.

No entanto, é essencial que sejam realizados e divulgados mais trabalhos acadêmicos, ligados a esses espaços, com foco nas atividades de documentação museológica, principalmente considerando as pesquisas e a prática profissional em âmbito interdisciplinar relacionada ao conhecimento nas áreas de Museologia e Geociências.

## Referências

AZEVEDO, Miriam Della Posta de. **Conservação de coleções geológicas utilizando o acervo do Museu de Geociências da USP**. 2013. Dissertação (Mestrado em Mineralogia e Petrologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BAHIA. Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Museu Geológico da Bahia. **Relatório de atividades**: abril 99 a março 2000. Salvador: MGB, 2000.

BAHIA. Secretaria de Desenvolvimento Econômico. Museu Geológico da Bahia. **Relatório anual das atividades do Museu Geológico da Bahia de dezembro de 2005**. Salvador: MGB, 2005.

BAHIA. Secretaria de Minas e Energia da Bahia. **Relatório de atividades**. Salvador: Secretaria de Minas e Energia, 1973.

BAHIA. Secretaria de Minas e Energia da Bahia. **Relatório de atividades**. Salvador: Secretaria de Minas e Energia, 1977.

BAHIA. Secretaria de Minas e Energia da Bahia. **Relatório de atividades**. Salvador: Secretaria de Minas e Energia, 1981.

BAHIA. Secretaria de Minas e Energia da Bahia. **Relatório de atividades**. Salvador: Secretaria de Minas e Energia, 1984.

BAHIA. Secretaria de Minas e Energia da Bahia. **Relatório de atividades**. Salvador: Secretaria de Minas e Energia, 1985.

BAHIA. Secretaria de Minas e Energia da Bahia. **Relatório de atividades**. Salvador: Secretaria de Minas e Energia, 1986.

BAHIA. Secretaria de Minas e Energia da Bahia. **Relatório de Atividades**. Salvador: Secretaria de Minas e Energia, 1987.

- BASTOS, Cristina Moura. **A coleção de minerais e rochas da escola nacional de engenharia pertencente ao Museu da Geodiversidade/UFRJ: formação e trajetória.** 2016. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- BASTOS, Cristina Moura; RANGEL, Marcio Ferreira; ALMEIDA, Cícera Neysi de. Da Academia Real Militar ao Departamento de Geologia, do Instituto de Geociências, da Universidade Federal do Rio de Janeiro: a trajetória de uma coleção de minerais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Naturais**, Natal, Belém, v. 12, n. 1, p. 109-127, jan./abr. 2017. DOI: <https://doi.org/10.46357/bcnaturais.v12i1.408>.
- COMITÊ INTERNACIONAL DE DOCUMENTAÇÃO (CIDOC/ICOM-BR). **Declaração dos princípios de documentação em museus e diretrizes internacionais de informação sobre objetos: categorias de informação do CIDOC/Comitê Internacional de Documentação (CIDOC).** São Paulo: ICOM; Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo; Associação de Amigos do Museu do Café; Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014.
- COSTA, Heloísa Helena Fernandes Gonçalves da. **Entrevista transcrita concedida ao Museu Geológico da Bahia.** Salvador, Bahia. 28 abr. 2011.
- CRUZ, Lilian Alves da *et al.* **O papel da curadoria no gerenciamento de coleções museológicas de paleontologia no Brasil.** 2019. Dissertação (Mestrado em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.
- DANA, J. D. **Manual de mineralogia.** Rio de Janeiro: LTC, 1984.
- DÍAZ-ACHA, Yael; DÍAZ-ONTIVEROS, Iria. Proceso de documentación e informatización de la colección de Petrología del Museo de Ciencias Naturales de Barcelona. **Boletín Real Sociedad Española de Historia Natural**. Sección Aula, Museos y Colecciones, n. 3, p. 77-91, 2016.
- FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. **Cadernos de Ensaio: Estudos de Museologia**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 65-74, 1994.
- FOTHERGILL, Helen. The state and status of geological collections in United Kingdom museums, 2001. *In: GEOLOGICAL Curators' Group*, 2005.
- GARGANO, Susana. **Automatización de los museos de Uruguay.** 2004.
- GÓMEZ-ALBA, Julio. Catálogo razonado de los vertebrados fósiles de España del Museo de Geología de Barcelona (1882-1982). **Treballs del Museu de Geologia de Barcelona**, p. 1-296, 1997.
- IMAI, Mônica Fumiko. **Coleções museológicas da Universidade de Brasília.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- LIMA, Jéssica Tarine Moitinho de; SBORJA, Camila Hoshino. A distinct geological collection: the Litoteca IGC/USP and its museological processes. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi-Ciências Naturais**, v. 17, n. 2, p. 491-508, 2022.

- LIMA, Joana David C. *et al.* Museologia e Paleontologia: diferentes abordagens na documentação da coleção de paleoinvertebrados do Museu Nacional. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 18., 2017. Marília. **Anais [...]**. Marília: Enancib, 2017.
- MARTA, Patrícia Alexandra Oliveira Silva. **A coleção nacional de mineralogia do Museu Geológico num sistema de informação para o ensino e divulgação das Ciências da Terra**. 2018. Tese (Doutorado em Geologia) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2018.
- MUSEU GEOLÓGICO DA BAHIA. **Histórico do Museu Geológico da Bahia**, 2019 (Acervo MGB).
- NASCIMENTO, Rosana. O objeto museal como objeto de conhecimento. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 3, n. 3, 1994.
- OLIVEIRA, Cláudia Patrícia de. **Análise do processo de doação da coleção de gemas e joias para o Museu de Geociências (MGeo-UnB) e sua ressignificação (2006 – 2016)**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- PADILHA, Renata Cardozo. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Florianópolis: FCC, 2014. (Coleção Estudos Museológicos, v. 2).
- REIS, Mateus da Silva *et al.* Análise documental na Museologia: um breve exercício de identificação de conceitos. **Ciência da Informação em Revista**, v. 6, n. 2, p. 90-102, maio/ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.28998/cirev.2019v6n2f>.
- SBORJA, Camila Hoshino; LIMA, Jessica Tarine Moitinho. Litoteca IGC-USP: como um arquivo de rochas tornou-se laboratório de preservação de acervo litológico. **Revista CPC**, v. 15, n. esp. 30, p. 137-164, ago./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v15i30espp137-164>.
- SILVA, Sibelle Barbosa da. **A paleontologia em uma perspectiva museal: um olhar sobre a gestão de acervos paleontológicos na dinâmica do Museu de Paleontologia Irajá Damiani Pinto**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- SUSLICK, Saul Barisnik. Geociências: um ensaio preliminar de avaliação e perspectiva. **Revista do Instituto Geológico**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 28-51, 1992.
- YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista**. 2009. 124 f. Dissertação (Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.